

O LATIM VULGAR — ESBOÇO HISTÓRICO E LINGÜÍSTICO.

Theodor Fritsch

O processo lingüístico, que conduziu à formação das línguas românicas, pertence aos fenômenos mais admiráveis, observados na formação e expansão do discurso humano no mundo. Comparando-se a formação das línguas românicas com a expansão dos povos germânicos e eslavos e, considerando-se que, para êstes, também houve um desdobramento lingüístico, aquela apresenta a particularidade de o processo ter tido, como ponto de partida, uma única cidade, isto é, Roma. A amplitude da expansão da língua latina pode ser avaliada através de um sucinto retrospecto histórico, que veremos a seguir.

No final da luta vitoriosa com a potência mundial de Cartago, deu-se, a partir de 146 a. C., a ocupação romana da região costeira do norte da África, onde se situam, atualmente, a Tunísia e a Algéria. Quase ao mesmo tempo da destruição de Cartago, resultou a conquista da Grécia. Por volta do ano 140 a. C., Roma pôde ser considerada soberana de toda a bacia central e ocidental do Mediterrâneo. No ano 40, aproximadamente, completou-se a dominação romana de toda a Gália, até o Reno; a partir dessa época, a expansão romana cresceu numa seqüência irresistível. O Egito caiu, também, sob o domínio romano. Após a batalha de Ácio, em 31 a. C., na qual Otávio venceu Antônio e Cleópatra, o Egito foi reduzido a província romana. Nos primórdios do século II, sob o imperador Trajano, o império romano atingiu sua expansão máxima na Europa.

À expansão do poderio político seguiu-se uma penetração cultural decisiva. Os povos subjugados aceitaram, em sua grande maioria, rápida e passivamente, a língua latina. Mesmo nas cidades do norte da África, onde atualmente ficam a Algéria e o Marrocos, prevalecia, no século III, a língua latina. Somente onde foi estabelecido contato com o mundo grego, mostrou-se, como elemento mais forte, a língua grega. Isto é válido, não só para a Grécia em si, como também para a Ásia Menor, o Egito e Cirene. Até mesmo na antiga Magna Grécia, atual Sicília, depois da conquista das cidades colo-

niais gregas, a língua grega ofereceu, até a Idade Média, resistência ao latim, principalmente em algumas regiões, como na Sicília Oriental. Sòmente poucos, como, por exemplo, os bascos, conseguiram resguardar sua língua, frente à onda de romanização. Mas as línguas pré-românicas extintas não deixaram de influenciar o latim falado nas províncias romanas. Assim pode-se, ainda hoje, constatar, por exemplo no francês, vestígios da língua gaulesa extinta, língua esta falada pelos habitantes primitivos da Gália, atualmente França, antes da conquista romana. O latim foi depauperado, ainda, devido a outras influências, pois a seguir à expansão máxima do império romano, houve, lentamente, um retrocesso; e, no século V, a catástrofe política. Povos germânicos, principalmente francos, godos, alamanos, bairuvaros, borguinhões e vândalos, invadiram as fronteiras do Império. A derrota política trouxe conseqüências limitadas à continuidade da língua latina, mas a língua dos francos deixou, por exemplo, no francês, vestígios imensos: *français* significa, na verdade, nada mais que “franco” (*).

Sòmente nas periferias mais afastadas do Império Romano, a língua latina foi repelida e diluída. Assim, a língua latina conseguiu permanecer intacta, nas regiões da costa norte-africana, ocupadas pelos vândalos, até a época da expansão árabe, no século VII. Mas, no interior do antigo império romano, os próprios germanos não escaparam à assimilação estrangeira: adotaram, rapidamente, a língua latina da massa popular.

Que língua era esta, na verdade? Não era, evidentemente, a língua escrita dos escritores clássicos latinos, porém a língua corrente que se desenvolvera, desde séculos, entre as mais distintas camadas sociais: entre burgueses e camponeses, funcionários e mercadores, soldados e escravos. Esta língua não poderia, de modo algum, ter permanecido uniforme, nas diferentes camadas sociais e, conseqüentemente, logo surgiram algumas particularidades, nas diferentes províncias, de acôrdo com o tempo de romanização. A diferença entre esta língua coloquial falada e o latim clássico pode ser comparada à diferença existente entre a língua literária árabe e os diversos dialetos árabes falados. Para esta forma falada do latim, criou-se a denominação *latim vulgar*, o que é, em si, ambíguo, pois hoje entende-se por *vulgar* uma “coisa comum” *Latim vulgar* é o latim falado, que, em

(*) — Para a lista completa das palavras estrangeiras no francês, ver Gamillscheg, *Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprache*, Heidelberg 1928, pág. 901 e sgs.

rigor, é falado ainda hoje. E', pois, correta a constatação de que o francês atual, por exemplo, nada mais é do que a forma do latim vulgar, falado na Gália, que sofreu uma evolução através dos séculos.

Como é natural, deparamo-nos, raramente, com esta língua vulgar na tradição escrita, pelo fato dela ter sido, sobretudo, uma língua unicamente falada. Só a encontramos na literatura, quando escritores, tais como Plauto ou Petrônio, se propõem a descrever, com exatidão, o ambiente vulgar. Aparece, com muito mais freqüência, em inscrições de túmulos, feitas por entalhadores incultos, ou nas chamadas *tabellae defixionum*, pequenas placas de chumbo, contendo uma maldição. Tais placas foram encontradas em grande quantidade, pois era um costume bem difundido colocar sobre pequenas placas de chumbo, ou sobre outras quaisquer, a maldição destinada, talvez, a um mau vizinho, e depois, jogá-las fora. Com isto alimentava-se a esperança de que um dos muitos deuses romanos encontrasse a plaquinha e aplicasse o castigo no destinatário, aí mencionado. Alguns aspectos desta língua vulgar foram testemunhados por escritores que repudiavam a má forma de expressão, a falsa pronúncia e as palavras vulgares. A visão mais precisa dessa língua dos romanos foi-nos transmitida, porém, através de uma catástrofe da natureza, que sucedeu em 24 de agosto do ano de 79 d. C. Nesse dia, a cidade romana de Pompéia foi soterrada por uma camada de lava e cinzas, de seis metros de altura, devido a uma erupção do Vesúvio. Essa camada conservou a cidade por quase 2000 anos. Por ocasião das escavações desta cidade antiga, realizadas no fim do século passado, foram encontradas várias inscrições e frases murais, muitas delas de conteúdo maldoso e obsceno. Tais frases murais maldosas são, até hoje, bastante comuns.

Com que freqüência encontramos, em nossas cidades, frases escritas por mão infantil, em uma ou outra parede, como “*João é bobo*” ou similares. Uma dessas frases murais, que nos mostra, de imediato, as diferenças consideráveis para com o latim clássico, é a seguinte:

NYCHERATE, VANA SUCCULA, QUE AMAS FELICIONE ET
AT PORTA DEDUCES, ILLUC TANTU IN MENTE ABETO.

Em português significa: “Nycherate, você, porcalhona inútil, que ama Felício e o leva diante do portal, você deveria refletir bem sobre isto” Notamos o nome *Felicione*, ao invés de *Felicionem*, e *porta*, ao invés de *portam*. A queda do *m* é uma mudança fonética das mais antigas, que remonta ao século II a. C. Em lugar de *laudandum est*

dizia-se, geralmente, *laudandu est. At porta* mostra uma assimilação interessante do *d*, originalmente sonoro, pelo *p* surdo, isto é, o mesmo processo comprovado, atualmente, nas palavras francesas *médicin* [me'tse] e *au dessus* [o'tsy]. Na ortografia do pronome relativo pode-se reconhecer a redução do ditongo antigo *ae* a *e*. O emudecimento do *h* em *abeto* pertence a um dos fenômenos mais antigos. Nas inscrições de Pompéia lê-se: *abet* por *habet*, *ac* por *hac*, *ic* por *hic*. Uma outra inscrição dessa cidade mostra ambas as formas de escrita, uma ao lado da outra, como, por exemplo, esta: *BONUS DEUS HIC ABITAT IN DOMO*. Por outro lado, escritas hipercorretas, como por exemplo, “homnes por “omnes” ou *hinsidias* por *insidias*, ilustram o significado puramente ortográfico desta letra. Um outro fenômeno é o emudecimento do *-n* antes de *-s*. Os mais antigos comprovantes a este respeito datam do século III a. C. como por exemplo, *cosol* e *cesor* para *consul* e *ensor*, encontrados em um mausoléu dos Cipiões. Em inscrições de Pompéia aparecem *mesa* em lugar de *mensa*, ou a forma contrata *presus* ao invés de *prehensus*. Outras mudanças fonéticas foram ocasionadas pela forma rápida de se falar. Palavras proparoxítonas, como *domina*, *validus*, *calidus*, podiam perder, através da fala rápida, a vogal intermediária, passando, na língua coloquial, a *domna*, *valdus*, *caldus*. Em outras inscrições dessa mesma cidade encontramos, por exemplo, *domnus* por *dominus*, *domna* por *domina*, *subla* por *subula*, ou os nomes próprios *Felicla* por *Felicula*, *Proclus* por *Proculus*.

Após terem sido descritos alguns dos fenômenos fonéticos mais antigos do latim vulgar, que datam principalmente do tempo antes da destruição de Pompéia, segue uma descrição de fenômenos que datam de uma época menos remota.

Por volta do início do século IV foi escrito, por autor desconhecido, um tratado altamente interessante, que se tornou conhecido pelo nome *Appendix Probi*, e que foi encontrado como apêndice a um estudo sobre gramática, realizado por um gramático de nome *Probus*, também desconhecido. O autor, pedagogo ou professor, tinha por finalidade combater certos vícios e negligências de linguagem, bem como ensinar a forma correta de expressão. Até hoje não pode ser verificado exatamente se o escritor que formulou estas regras de gramática atuou em Roma ou no norte da África. Segundo ele, a forma correta deveria ser

speculum, e não *speclum*, como se dizia,
calida e não *calda*
frigida e não *fricda*

oculus e não *oclus*
tabula e oã *taula*
viridis e não *viridis*.

Na época deste gramático, parece que a tão criticada síncope era amplamente difundida. São formas que realmente se firmaram nas línguas românicas: it. *specchio*, *calda*, *freddo*, *occhio*; prov. *taula*; it. *verde*, fr. *vert*, port. *verde*. Também, no sistema de flexão, notáveis mudanças fizeram-se notar na língua latina popular. A tendência geral era de se substituírem as múltiplas formas de flexão por uma maior uniformidade. A busca de equilíbrio abandona normalmente o raro em favor do frequente, o difícil em favor do fácil, o obscuro em favor do claro.

Naquela época as formas de flexão complicadas do latim não mais correspondiam à vivacidade do uso da língua. Sobretudo o genitivo e o dativo tornaram-se logo impopulares, sendo substituídos pelas preposições *ad* e *de*, como já pode ser observado em Plauto. O aparecimento do *de* como genitivo só pode ser observado a partir dos séculos IV e V, como em uma inscrição de Roma: FILUMINUS TENSOR DE CIRCUM: Filumino, o barbeiro do circo — onde o caso, também, é usado incorretamente. O acusativo atinge o seu apogeu, como oblíquo geral, exercendo, ainda, a função de genitivo, dativo e ablativo. Ambas as formas de substituição são evidenciadas em uma inscrição da Gália transalpina: HIC REQUIISCUNT MEMBRA AD DUUS FRATES GALLO DE FIDENCIO QUI FUERUNT FILI MAGNO. *Membra ad duus fratres* significa, portanto, “os ossos de dois irmãos”, e *fili Magno* — “os filhos de Magno” *Gallo* e *Fidencio*, nomes dos dois irmãos, em aposição a *fratres*, representam *Gallu(m)* e *Fidentiu(m)*, com substituição do *-u* por *-o*, como se pode ver dos substantivos e adjetivos de masculino em *-o*: *lobo* < *lupu(m)*, *claro* < *claru(m)*. Mas *Magno* é o próprio dativo de posse, que em *ad duus fratres* já está substituído pelo seu sucedâneo: *ad + ac*.

A queda do *-m* final, um fenômeno dos mais antigos, levou a uma tendência de compensação entre o nominativo e o acusativo, pois dizia-se *femina dormit* e *video femina*. Tendo por base estes exemplos, que facilitavam enormemente o sistema de flexão, a igualdade entre o nominativo e o acusativo foi transmitida, também ao plural, onde as formas em *-s* prevaleciam em grande maioria. Como correspondente de *veniebant omnes mulieres* empregava-se “*venivant omnes feminas*” Assim surgiu o plural em *-s* na declinação feminina, como

se verifica, hoje em dia, no espanhol *las amigas*, no francês *les amies* ou no português *as amigas*.

O fato de se dizer hoje *las amigas*, *les amies*, ou *as amigas* e, não simplesmente, *amigas* e *amies*, é uma manifestação proveniente do latim vulgar. No latim clássico dos escritores, não existia artigo: *O cão* era simplesmente *canis*. Para maior clareza e reforço, cultivava-se, na língua falada, cada vez mais o uso do pronome demonstrativo *ille*, “aquele”, diante do substantivo. Com o decorrer do tempo, isto tornou-se tão evidente que o pronome perdeu totalmente seu caráter demonstrativo, adquirindo o valor de um simples artigo. O dissílabo *die*, pelo seu emprego proclítico, átono, truncou-se e se reduziu ou à primeira ou à segunda metade. Assim, enquanto o italiano e o espanhol têm *il, la, el, la* — *il cane, el perro, la donna, la mujer* —, o francês só tem *le, la*: *le chien, la femme*. No português também era *lo, la*, reduzidos a *o a*, pela perda do *l*-, como intervocálico. No romeno o artigo se propôs aglutinando-se ao substantivo (ou adjetivo).

Também nos verbos nota-se a tendência geral à simplificação. Os verbos pertencentes a classes de conjugação mais raras foram, mais e mais, conjugados analogamente à forma mais simples terminada em *-are* como *amare*. Até o infinito do verbo principal *esse*, “ser”, caiu em esquecimento, passando-se a dizer *essere*, o que soava ao cidadão romano comum mais correto, pois este já não mais dominava a gramática complicada de sua língua. Isso leva também à perda do futuro. Ao invés de *cantabo*, “eu cantarei”, que deveria ser conjugado em seis formas diferentes, dizia-se simplesmente *cantare habeo*, “eu tenho que cantar”. Tomava-se, portanto, o infinito do verbo e conjugava-se, somente, o verbo mais comum *habere*, “ter”. Esta forma *cantare habeo*, “eu tenho que cantar”, esclarece o atual *je chanterai, io canterò* ou *eu cantarei*. As formas *je, io, ou eu* respectivamente, estão relacionadas com *ego*, “eu”, que no latim vulgar passou a preceder o verbo, para sua maior clareza, da mesma forma que *ille*, antes do substantivo, como artigo. Os pronomes pessoais tornaram-se absolutamente necessários, pois, devido à simplificação radical das formas verbais, deu-se o aparecimento de formas idênticas, que sem o pronome não mais poderiam ser identificadas. Assim formou-se, no decorrer dos tempos, uma língua latina, que pouco tinha em comum com a complicada gramática latina escolar.

As divergências apresentadas nesta época, também no vocabulário da língua coloquial vulgar, podem ser mostradas através dos seguintes exemplos, colhidos do *Appendix Probi*:

83	<i>auris non oricla</i>
133	<i>fax non facla</i>
172	<i>anus non anucla</i>

palavras estas que significam: “orelha”, “facho”, “anciã” O uso excessivo do diminutivo no latim vulgar é, no trabalho citado, bastante criticado. Manifestações idênticas encontram-se hoje no dialeto suábico, onde expressões diminutivas são usadas espontaneamente e com grande freqüência, como *Strässle, Häusle, Wagele -le* corresponde aos sufixos *-inho, -zinho* do português.

A grande diversidade do vocabulário, observada nas diferentes províncias, deve ilustrar o exemplo da palavra *caput*, “cabeça” O latim vulgar *caput* conservou-se sob as formas *chef* no francês, *cap* no SW da França, *cabo* em espanhol e português e *capo* na Itália meridional, mas nalgumas regiões com sentidos metafóricos. O esp. *cabeza* e o port. *cabeça* provêm da palavra *capitia*, que originalmente significava a abertura para a cabeça na túnica. Em todos os outros países que tiveram influência do latim, outras palavras de significado pejorativo para “cabeça”, provenientes do latim vulgar, conseguiram se impor: fr. *tête*, prov. *testo*, it. *testa* remontam à palavra latina *testa* que originalmente significava “caco de jarro” Da mesma maneira remontam a palavra *coccia*, usada no sudeste da Itália à palavra latina *coccia*, e a palavra *conca*, usada na Sardenha à palavra latina *conca*, significando em ambos os casos “concha”

Finalmente ainda uma observação sobre a diversamente discutida pronúncia do *c*. Uma indicação segura nos é fornecida em primeira linha pelas palavras da língua alemã, derivadas do latim. Os germanos aprenderam enormemente com os romanos, durante a ocupação destes, entre outros, o uso da cal em construções de casas, até então desconhecido por eles. A forma oblíqua da palavra, com a queda do *-m*, é *calce*. Se os romanos tivessem pronunciado [kaltse], a palavra alemã *Kalk* jamais poderia ter tido origem. Da mesma forma, adquiriram os germanos dos romanos o hábito de construir casas com adegas. A denominação dada pelos romanos a adega, e ouvida pelos germanos, era *cellariu*. Se os romanos tivessem dito [tse-lariu], a palavra alemã *Keller* não poderia certamente ter surgido. Então a palavra alemã *Zelle* não derivou do latim *cella*? Chegamos, portanto, à origem da pronúncia do *c* como [tse], nunca pronunciado por alguém que tinha como língua materna o latim. Os responsáveis por esse fato foram os monges que viveram na França por volta do ano 1000. Tinham logicamente como língua materna o fran-

cês antigo, onde o *c* antes de *i* e *e*, era pronunciado como [tse]. Quando liam os textos latinos antigos, esses monges conservavam a pronúncia habitual de sua língua materna, pronunciando, portanto, o fonema latino [k] antes de *i* e *e* como [tse]. Esse costume, hoje em dia, não nos causa mais espanto, conhecedores como somos, do latim, falado atualmente na Inglaterra. A conhecida expressão *anno Domini* é lá pronunciada [‘aenou ‘dominai]. Esses monges trouxeram assim por volta do ano 1000 a pronúncia do [tse] para a Alemanha, conservada até hoje no latim eclesiástico e em algumas escolas. A palavra *cella* denominava a cela do mosteiro, e, com este significado passou a fazer parte do vocabulário alemão. Pode-se ainda formular uma outra pergunta: Como se explica a pronúncia do fonema latino [k] antes de *i* e *e*, como [tse] no francês antigo, que nada mais era do que uma evolução do latim vulgar falado? Responsáveis por este processo são as vogais palatais ou claras *i* e *e*. As vogais *a*, *o*, *u* são pronunciadas bem no fundo da boca, lá onde também o [k] é articulado. As vogais *e*, *i* são, pelo contrário, articuladas bem mais na frente. Quando se diz um [k] em combinação com [i], a tendência do [k] é transferir sua base de articulação mais para a frente. Aí dá-se o contato da ponta da língua com os dentes incisivos e, da pressão do ar da respiração resultam automaticamente os sons [tse] ou [sse], o último encontrado hoje em dia no italiano, na mesma posição (*). No francês o [t] precedente desapareceu durante a Idade Média, permanecendo assim somente o [s]. Transformações fonéticas como estas não surgem naturalmente de um dia para outro; elas são antes de tudo produto de uma evolução ocorrida em séculos.

O fato de que os romanos pronunciavam o *c* como [k] pode ser evidenciado, de modo menos complicado através de uma comparação bem simples. Comparemos, inicialmente, o desenvolvimento do fonema sonoro *g* no italiano. It. *genitori* [dʒeni’tori] remonta a lat. *genitores*. Se o [dʒ] tem sua origem no [g], então é bastante lógico supor que o [ts] remonte a [k]. Melhor que qualquer teoria é a prova fornecida pela mais arcaica de todas as línguas românicas. Na Itália, na França, na Espanha e em Portugal, regiões de passagem de vários povos, a língua estava sujeita, evidentemente, a influências e mudanças mais acentuadas do que em uma ilha pequena e distante. Esta ilha é a Sardenha. Comparem por si mesmos: O número 10 é em latim *decem*, no latim vulgar sem o *-m*, *dece*, no francês atual

(*) — Veja também: Maurer — *Gramática do Latim Vulgar*, Rio de Janeiro 1959, pp. 26 e sgs.

— *dix*, no espanhol — *diece*, no italiano — *dieci*, e finalmente no dialeto logudorês da Sardenha — *deke*. Lá no isolamento da Ilha, a antiga pronúncia conservou-se pelos séculos afora.

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

Bloch/Wartburg — *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris 1950.

Brunot — *Histoire de la langue française*, Paris, 1905.

Dauzat — *Histoire de la langue française*, Paris 1930.

Hofmann — *Lateinische Umgangssprache*, Heidelberg 1951.

Meyer-Lübke — *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, Heidelberg 1920.

Väänänen — *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*, Helsinki 1937.

Vossler — *Einführung ins Vulgärlatein*, München 1954.